

OBSERVATÓRIO DE CONFLITOS DA CIDADE

Cristine Jaques Ribeiro¹

O grupo de estudos e pesquisa: Questão agrária, urbana e ambiental vinculado ao Programa de Pós-graduação em Política Social e Graduação em Serviço Social da Universidade Católica de Pelotas constrói o Observatório dos conflitos da cidade que se origina na segunda edição do Seminário Terra, Água e Alimento em 2016 cujo foco de construção e debate foi o tema: De quem é a cidade? Consequentemente, em razão do seminário, alianças interinstitucionais foram sendo ampliadas cujo objetivo era de reunir pesquisadores que tratassem do tema cidade em suas heterogêneas concepções e práticas no município de Pelotas.

Sendo assim, o dossiê temático objetivou reunir escritas que são resultantes dos campos de análises e de intervenção dos diversos pesquisadores docentes, discentes e profissionais que compõe o observatório dos conflitos da cidade para evidenciar o direito de existir das diversas populações e comunidades que resistem na luta cotidiana manifestando seus modos de ocupar e de reinventar a cidade.

Pensar o conflito da cidade é problematizar que sentidos são produzidos pelos cidadãos sobre o que é a cidade, de quem é a cidade e o que faz a cidade? Que deslocamentos são produzidos na cidade? Pensar que lugar os coletivos ocupam na cidade. Ainda, evidenciar os próprios exílios construídos pela cidade que segregam populações delimitando as fronteiras da convivência, da participação e da decisão fortalecendo o desenho das margens criadas para a manutenção dos lugares precários e invisibilizados pelas políticas públicas e pelos seus gestores.

Pensar os conflitos é reconhecer que a cidade surge para garantir a propriedade privada fortalecendo por um lado a especulação imobiliária da terra e sua financeirização e, por outro, a negação da existência dos coletivos e das comunidades que vivem cotidianamente na luta pela ocupação do espaço frente as práticas de remoção e de desapropriação.

Os conflitos da cidade expõem não só a reprodução das desigualdades socioambientais do solo, mas também a negação dos modos de existir das diferentes expressões dos cidadãos que transversalizam o desenho da cidade. Desse modo, a cidade se apresenta como resultado de uma construção social instigada pelas relações de força que se movimentam nos territórios e desterritórios dos campos da vida coletiva. No entanto, produzir uma outra relação com a cidade, reconhecendo seus heterogêneos modos de viver e buscando o pouso do olhar nos lugares e saberes negados é potencializar as multiplicidades que vibram na cidade, resultante dos processos que constroem um outro fazer cidade.

Na sessão Entrevistas começaremos com duas entrevistas: *Ocupação e (trans) formação* e *Para los pobres, lo mejor*, ambas apresentam o tema das ocupações na cidade como dispositivos de luta coletiva para resistir aos modelos de moradia e de habitação a partir da realidade das diferentes populações tentando romper com a lógica financeira e colonial imposta até os dias de hoje.

¹ Graduada em Serviço Social pela Universidade Católica de Pelotas (1997), Mestre em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2000), Doutora em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2007). Atualmente, é professora Adjunta da Universidade Católica de Pelotas.

Logo após o Dossiê segue com apresentação dos artigos e ensaios. O primeiro texto trata sobre: *A busca do “Ga” ou “Yvy” na inserção no mundo não índio dos Kaingang e Guarani no contexto de Pelotas* pretende propiciar a análise da questão territorial dos mundos míticos no universo do conflito pelo espaço no município de Pelotas. A inserção dos povos indígenas, no município de Pelotas, marca a tentativa em desconstruir a fronteira entre o rural e urbano apresentando modos de vida coletivos potencializados pela resistência e reinvenção de práticas.

O segundo artigo: *Encruzilhadas da Negra Pelotas: A interface da religião e política nas lutas negras pelotenses* irá propor análise da participação política das organizações negras no município de Pelotas e sua interface com a religião. Pensar a cidade através dos conflitos raciais e religiosos é acolher o olhar de quem vive tal realidade, mas que reverbera na utilização do espaço público o sentido produzido da prática do ritual e da manutenção da tradição africana.

O terceiro artigo: *Necropolítica racial criminal em uma capital do nordeste do Brasil: uma análise criminológica dos homicídios em Salvador*, apresenta um estudo realizado em Salvador-Bahia, nos períodos de 2010-2016, onde pretende analisar a realidade vivida por jovens nesse período identificando a relação com os homicídios dolosos e a questão do território urbano frente a política pública de segurança. Tal estudo problematiza a perda do direito à cidade e o desmonte do Estado de Bem-Estar configurando a não proteção social dos jovens que vivem na periferia.

O quarto artigo: *As escolas entre muros, murmúrios e arredores* deseja propiciar as reflexões sobre a educação e a formação como processo simbólico de constituição do humano. Esse processo faz emergir conflitos e possibilidades capazes de evidenciar a vida que existe fora dos muros escolares e que vibra no interior de seu espaço convidando ressignificar as práticas da educação e da formação.

O quinto artigo: *Linguagens comuns: economia solidária na cidade viva* relaciona o tema da Economia solidária com o pensamento sobre a Antropologia da cidade proposto pelo autor Michel Agier. Convida a pensar que as experiências de economia solidária realizam formas alternativas de trabalho cujo objetivo é fortalecer as práticas cooperativas e solidárias entre seus coletivos.

O sexto artigo: *Observar a cidade e seus habitantes: a contribuição da etnografia* apresenta a importância de refletir sobre os modos de habitar a cidade no sentido de repensar o espaço urbano como uma relação entre o vivido e planejado.

O sétimo artigo: *O Espaço público e o espaço urbano capitalista: uma crítica à luz do Direito à cidade* é um ensaio que tentará abordar a reflexão sobre uso do espaço público como um direito ao uso fruto da cidade feito pela juventude. O não reconhecimento dos jovens e das suas expressões culturais e tentativas libertárias serão também o foco da análise.

O oitavo artigo: *A Cidade e a Moradia: O caso de Pelotas* este trabalho quer primeiro problematizar a categoria social como invenção da sociedade conforme as diferentes configurações históricas para relacionar a cidade nessa construção, especificando a realidade do município de Pelotas, frente a implantação do Programa Minha Casa Minha Vida como expressão da especulação e da financeirização da terra.

O nono artigo: *Cartografias Sensíveis na Cidade: experiência e resistência no espaço público da região sul do RS* convida olhar a cidade a partir da experiência cartográfica junto aos coletivos. Esse modo de olhar é o modo de acompanhar os processos numa perspectiva metodológica que tenta desconstruir verdades acerca da vida dos cidadãos.

O décimo artigo: *Para-formal no centro da cidade de Pelotas/RS: mediações e controvérsias no uso do espaço público* propõe evidenciar os lugares de ruptura, do caos, que produzem atividades subversivas frente às condicionalidades da cidade instituída. Acolher a existência dos coletivos heterogêneos num mesmo ambiente apresentando a cidade formal e informal em suas desconstruções e criações é também a proposta deste trabalho.

O décimo primeiro artigo: *O assombro de uma ocupação: fantasma e o acontecimento projetual* apresenta as contribuições da reflexão do filósofo Gilles Deleuze sobre o conceito de fantasma relacionando-o com experimentações realizadas num encontro projetual entre OCAS (Escritório Modelo de Arquitetura-UEL), MARL (Movimento de Artistas de Rua de Londrina) e o edifício da ULES (União Londrinense de Estudantes).

O décimo segundo artigo: *Entre remendos e acolhimentos: A ocupação Ksa Rosa* propõe pensar instrumentos de aprendizagem que propiciem a desconstrução das intervenções arquitetônicas resultantes dos projetos convencionais para a construção de uma ética da alteridade.

Por fim, a última sessão do Dossiê: Parede Branca, apresenta três trabalhos: *O. C. A Ocupação coletiva de arteirxs*, *Cenários Fragmentados* e *O Katanga's é Nosso*, com objetivo de registrar através das imagens a cidade a partir de quem existe e resiste. São registros do pulsar da vida das multidões em seus espaços cotidianos de luta e de habitar na tentativa de reinventar os sentidos produzidos sobre de quem é e o que é a cidade.

Que o dossiê contribua na problematização dos conflitos produzidos pela cidade e que propicie a denúncia das heterogêneas manifestações dos modos de habitar realizadas pelos diversos coletivos resultando na luta pela garantia do direito de existir frente ao paradoxo do direito à cidade.